

A CHARGE E A FORMAÇÃO DO LEITOR: UMA PROPOSTA DISCURSIVA PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA*

Jane Cristina Beltramini BERTO¹

Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED/PR

Este trabalho, por meio de uma reflexão teórico-prática, busca discutir as possíveis relações entre a Análise do Discurso de linha francesa e o ensino de língua materna, mais especificamente a formação do leitor crítico, tendo por objeto textos do gênero charge impressa. Para tanto, toma-se como referencial teórico os estudos de Michel Foucault a respeito da formação dos objetos e das séries enunciativas, bem como as contribuições de Pêcheux (1999), Orlandi (1996), Gregolin (2000; 2004) e Davallon (1999) quanto às relações entre discurso, história e memória. A partir desse arcabouço teórico propõe-se uma abordagem didática da leitura de charges entendidas enquanto instrumentos eficazes na formação do leitor. Considera ainda, as proposições contidas nas Diretrizes Curriculares Estaduais de Língua Portuguesa do Estado do Paraná, que ao propor como conteúdo estruturante “o discurso enquanto prática social”, apontam para a necessidade de uma reformulação do fazer pedagógico com a língua materna na educação básica, com vistas a formação de cidadãos comprometidos com a transformação da sociedade.

Palavras-chave: Formação do leitor. Análise do discurso. Charges.

CARTOONS AND READER’S FORMATION: A DISCURSIVE PROPOSAL FOR THE TEACHING OF PORTUGUESE

Current research discusses through theoretical and practical reflections the possible relationships between French Discourse Analysis and the teaching of Portuguese, specifically the formation of the critical reader. Texts of printed cartoons are the object of present investigation. Studies by Foucault with regard to the formation of objects and enunciation series, and by Pêcheux (1999), Orlandi (1996), Gregolin (2000; 2004) and Davallon (1999) with regard to the relationship between discourse, history and memory, foreground the theory concerned. Above-mentioned theoretical framework results in a didactic approach of cartoon interpretation as efficacious instruments in the reader’s formation. The Curriculum Guidelines for the Portuguese Language of the state of Paraná, Brazil, proposes “discourse as social practice” as a structuring content and shows the need of a re-formulation of pedagogical practice in Portuguese within the context of basic education for the formation of citizens committed to society’s transformation.

Key words: Reader’s formation. Discourse analysis. Cartoons.

¹Professora da Rede Pública do Estado do Paraná, Mestre em Letras (UEM); Docente do Departamento de Letras da FECILCAM – Campo Mourão. E-mail: jane.berto@uol.com.br

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos com os poderes que eles trazem consigo”.
Michel Foucault

Este trabalho situa-se em meio às complexas relações entre a escola e a formação de leitores/cidadãos críticos. Para tanto, procura estabelecer reflexões teóricas e metodológicas que possibilitem vislumbrar práticas pedagógicas que permitam romper com a passividade do sujeito-leitor em relação aos materiais de leitura que lhe são oferecidos.

A esse respeito, concordamos com Silva (2002, p.27) “As competências de leitura crítica não aparecem automaticamente: precisam ser ensinadas, incentivadas e dinamizadas pelos estudantes, desde as séries iniciais, a fim de que desenvolvam atitudes de questionamento perante os materiais escritos”. O fato de a charge ser um texto agradável ao olhar parece ser um ponto de partida interessante para a formação do leitor jovem, atraído inicialmente pelo aspecto lúdico.

Nessa tarefa, buscamos subsídio na Análise do Discurso de linha francesa (AD), tendo como referência as proposições de Michel Foucault e seus divulgadores no Brasil, principalmente os pesquisadores vinculados ao Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara (GEADA), coordenado pela Profa. Dr^a. Maria do Rosário Gregolin. Além disso, são consideradas ainda as importantes contribuições de estudiosos da AD na França como Michel Pêcheux (a quem se atribui a fundação da AD francesa), Davallon e Courtine.

Essa aproximação com a AD se deve ao fato de acreditarmos que a compreensão das práticas sociais efetivadas pela formação do leitor e a sua posterior inserção nas relações sociais de base capitalista ampliam ao aluno-leitor a possibilidade de conhecimento e intervenção nessa mesma sociedade, compreendendo e agindo para a transformação de suas próprias condições de existência.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 O Contexto histórico e epistemológico do surgimento da AD na França

A Análise do Discurso surgiu na França na década de 60 motivada pelas discussões em torno do discurso político, a partir da inter-relação de três campos do saber: Estruturalismo Lingüístico, a Psicanálise e o Marxismo. Esses estudos, cujo gesto fundador é atribuído a Michel Pêcheux, tinham como preocupação o processo de produção de sentidos dos fenômenos lingüísticos, ou seja, como é que os sentidos se instauram a partir daquilo que falamos ou escrevemos. A esse respeito Sargentini (2004, p. 79) explica:

Os sentidos construídos no interior de um texto, que antes deveriam ser encontrados unicamente pela análise lingüística estruturalista, passam a ser questionados pelos estudos semânticos, já que nem a imanência nem a lógica dão conta dessa produção de sentidos. A compreensão do sujeito como neutro, transparente a si mesmo e livre de determinações sociológicas ('eu falo') também resiste à entrada das reflexões marxistas ('fala-se') e freudianas ('isto fala') nos estudos da linguagem.

No que se refere ao estruturalismo lingüístico, conforme já apontamos, a língua concebida como sistema estável de signos, tal qual propôs Saussure, não poderia dar conta da produção de sentidos, visto que a lingüística saussureana estava alijada das relações com a história e com os sujeitos. Em função disso, a Análise do Discurso se propõe a tratar os sentidos dos fatos da linguagem a partir do seu atravessamento pela exterioridade, isto é, aqueles elementos que não se encontram no que é dito, mas constituem o próprio processo do dizer.

A AD se forma no lugar em que a linguagem tem de ser referida necessariamente à sua exterioridade, para que aprenda seu funcionamento, enquanto processo significativo [...] A AD trabalha no entremeio, fazendo uma ligação, mostrando que não há separação estanque entre a linguagem e sua exterioridade constitutiva. (ORLANDI, 1996, p. 24-25)

Já no que se refere ao segundo campo do saber mencionado, a Psicanálise, interessam a AD a releitura de Freud por Jacques Lacan conforme explica Fernandes (2005, p. 40):

Esse viés psicanalítico revela um olhar sobre o inconsciente, sempre em atuação por meio da linguagem. O inconsciente, conforme expôs Freud, são manifestações de natureza psíquica do/no sujeito, que fogem ao âmbito de sua consciência, que não se manifestam de acordo com sua vontade, mas afloram nos sonhos, nos atos falhos, nos lapsos, etc. Assim, o inconsciente, como escape ao controle do sujeito, dá espaço à manifestação do desejo. Os lapsos, por exemplo, provocam sentidos contrários ao que o sujeito discursivo gostaria de mostrar.

Quanto ao entrelaçamento da Análise do Discurso e o Marxismo, podemos compreendê-la a partir da figura de Louis Althusser de quem Pêcheux e Foucault foram discípulos, e em torno de quem construíram suas teorias por meio de reencontros e confrontos, ou seja, reafirmando-as ou refutando-as ao longo das fases que atravessaram em suas pesquisas.

Com base nessa afirmação, a de alteração das propostas primeiras do mestre genebrino é que se instauram as primeiras discordâncias entre Pêcheux e Foucault. Enquanto Pêcheux, defensor do marxismo, seguia os preceitos althusserianos, principalmente no que se refere ao princípio da “luta de classes”, o segundo, que não assumia a mesma posição de culto a Marx como os demais, afasta-se dessas concepções, fato que se confirma mais tarde pela ausência em sua obra, de conceitos marxistas tais como, a ideologia e a luta de classes.

Para Gregolin (2004) essas polêmicas não se referiram contrariamente a uma teoria do discurso, mas agiam em posição de complementaridade, pois Foucault concebia os preceitos marxistas como “uma caixa de ferramentas” para uso em suas elaborações.

Esse posicionamento de Foucault tornou mais fértil o campo teórico de consolidação da Análise do Discurso, pois ao lançar críticas aos conceitos althusserianos, primeiramente aos AIE Aparelhos Ideológicos do Estado, Pêcheux redefinia seus conceitos e reformulava suas teorias visando refutá-lo.

Esse confronto teórico e político, iniciado por Pêcheux traz à tona o conceito de “fazer política”, que atualmente poder-se-ia retomar como “discurso”. É nesse jogo de relações que Foucault se distancia da luta política, principalmente quanto a definição da noção do regime de materialidade dos enunciados, pois enquanto que para Pêcheux “os sentido das palavras mudam de acordo com a posição na luta de classes daqueles que as empregam”, para Foucault o “sentido do enunciado muda de acordo com sua relação com outros enunciados” (GREGOLIN, 2004).

Em consonância a sua posição quanto a materialidade dos enunciados, Foucault redefine a noção de história expressa pela materialidade dos enunciados existentes, isto é, a história se constitui pelo recorte de uma gama de enunciados simultâneos e é compreendida pela relação sincrônica entre os diferentes discursos que podem ou não se negar, se afirmar ou se contradistinguir entre si.

Essa posição encontrada em Foucault consolida os estudos de Pêcheux que passam, a partir desse momento a pensar a relação do sujeito com a ideologia que o constitui, refletindo-se sobre os estudos das noções clássicas da AD, tais como ideologia, assujeitamento ideológico e formação discursiva.

Nesse trabalho, nosso esforço será o de realizar uma reflexão teórico-metodológica em análise do discurso que leve em conta alguns dos conceitos foucaultianos e, que nos permita pensar a possível intersecção entre esses gestos de análise e o processo de formação do leitor nas aulas de língua materna.

2.2 Foucault: Discurso, História e Memória

Ao procurarmos destacar as contribuições de Michel Foucault para a Análise do Discurso devemos considerar a intensa relação desse teórico com os historiadores da Nova História. Eles visavam renovar os estudos históricos, voltando o olhar para a ausência de vestígios de grupos sociais negligenciados pela ênfase aos grandes acontecimentos, firmados pela história tradicional.

Foucault estabelece com esse movimento uma estreita relação: a de captar a heterogeneidade das ações humanas no jogo histórico, conforme assevera Gregolin (2004):

[...] seu objetivo foi colocar em questão os métodos, os limites, os temas próprios da História Tradicional, criticando o fato de ela voltar sua atenção para os longos períodos e acentuar a alternância entre equilíbrios, regulação e continuidades, apagando, assim, a dispersão, os acidentes, a descontinuidade.

Dessa forma, Michel Foucault desenvolve o conceito de história como diagnóstico do presente (GREGOLIN, 2004) e a partir de alguns conceitos filosóficos de Nietzsche, tais como “genealogia” e “interpretação”, propõe o método arqueológico, de escavação do passado, buscando descrever as determinações de um fato histórico e suas possíveis relações com os outros. Em relação as fontes históricas Foucault nos instiga ainda, a pensar o documento como monumento, isto é, definir a neutralidade apregoada pelo primeiro e a intencionalidade presente no segundo. Trata-se de desvelar os efeitos de verdade contidos neles, via recursos discursivos lingüísticos, quando na construção prévia do historiador sobre o fato, firmados pela forças de poder ali instauradas. Essa construção propiciada, pela opção consciente ou não do historiador, ao retratar um fato de acordo com uma determinada época e sociedade, torna-o reconhecido e aceito por essa sociedade.

Diante desse quadro, temos por pressuposto que o exercício de interpretação dos fatos precede a compreensão deles. Isso acaba por caracterizar um procedimento inverso do que ocorre no trabalho de leitura de textos na escola, visto que ao se agregar novos indícios de análise, novos sujeitos e objetos, é estabelecido um novo sentido para o acontecimento, presente nas formas de ler as unidades, séries, relações precedentes que perpassam esse confronto. Esse *batimento*, que caracteriza o trabalho da Análise do discurso, consiste em interpretar e descrever os fatos de forma simultânea. Isso leva a AD a considerar os constituintes lingüísticos do texto como pontos de deriva dos enunciados, que são suscetíveis de tornarem-se

outros, diferentes de si mesmos, deslocando-se discursivamente de seu sentido. A esse respeito Foucault (1972, p.112) destaca:

Um enunciado existe fora de qualquer possibilidade de reaparecimento; e a relação que mantém com o que enuncia não é idêntica a um conjunto de regras de utilização. Trata-se de uma relação singular: e se nessas condições uma formulação idêntica reaparece – as mesmas palavras são utilizadas, basicamente os mesmos substantivos é, em suma, a mesma frase, mas não é forçosamente o mesmo enunciado.

Outro elemento a ser considerado é que ao aparecer como acontecimento, um enunciado o faz a partir da relação com outros enunciados, que alojados em suas margens constituem o seu sentido. No dizer de Foucault,

Um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados. Essas margens se distinguem do que se entende geralmente por “contexto” – real ou verbal – isto é, do conjunto dos elementos de situação ou de linguagem que motivam uma formulação e determinam-lhe o sentido (1972, p.122).

Esse pressuposto de Foucault pode ser associado ao conceito de memória discursiva, assim definida por Pêcheux (1999, p.52):

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição legível em relação ao próprio legível.

Desse modo, ao constituir um enunciado, a memória recupera feixes de sentido, movimenta-se pela estreita via da lembrança e do esquecimento e, por isso não pode ser entendida como homogênea, pois se reconstitui e retorna no momento da enunciação como elemento organizador dos sentidos advindos daquilo que foi efetivamente dito. Não se trata, por isso, de uma mera recitação

da palavra do outro, mas o enunciado que surge como acontecimento instaura outros sentidos diferentes daqueles que o originaram, isto quer dizer que o enunciado é sempre atravessado por outros dizeres.

No âmbito da relação entre memória e produção dos efeitos de sentido de um enunciado, é de grande relevância compreender o conceito de memória social, pois “para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância” (DAVALLON, 1999, p. 25).

Nesse sentido, Gregolin (2000, p.21) afirma:

A memória social, inscrita nas práticas de uma sociedade, constrói-se no meio-termo entre a temporalidade do mítico e a forte cronologia do histórico; isto porque, apesar de determinada pela ordem do histórico, não chega a ser, como esta, uma memória construída, ordenada e sistematizada. Para enxergá-la é necessário buscar os signos de auto-compreensão da sociedade para posteriormente interpretá-la.

É preciso considerar ainda que a memória social é materializada por meio de sua inscrição nos objetos culturais, de que nos fala Davallon (1999, p. 35) entendidos como “conjunto dos objetos concretos (livros, escritos, imagens, filmes, arquiteturas, etc) que resultam de uma produção formal e que são destinados a produzir um efeito simbólico”. Difere-se assim da memória coletiva, que estaria fadada a desaparecer juntamente com o grupo em que circula.

Na contemporaneidade, destacam-se os objetos culturais que tem a mídia como sua superfície de emergência, por isso essas produções são fortemente marcadas pelo uso da imagem como operador de memória social em nossa cultura que, conforme Davallon (1999, p.31) “apresentaria a capacidade de conferir ao quadro da história a força da lembrança”.

3 A CHARGE E SUA LEITURA: DISCURSO, HUMOR E POLÍTICA

A distinção proposta por Foucault entre documento e monumento nos leva a pensar a respeito do tratamento dado aos textos nas práticas escolares de leitura. Tratar esses enunciados como documento, significa assumi-los como portadores de um único sentido pré-determinado pela estrutura lingüística. Essa posição significa impor aos alunos durante as atividades de “interpretação de texto”, sem nenhum questionamento, as respostas trazidas pelo professor no exercício do poder docente em que geralmente recita as instruções ditadas pelo autor do material didático.

Esse tratamento acaba por velar a presença da contradição que é constitutiva de todo objeto lingüístico-discursivo, conferindo-lhes uma ilusória harmonia a partir da qual o sentido poderia ser extraído. Por outro lado, se os textos forem concebidos como monumentos, segundo a perspectiva foucaultiana, os gestos de leitura construídos em torno desse objeto devem considerar a presença de um sistema de dispersão profundamente marcado pela categoria da contradição. A esse respeito Foucault (1972, p.173-174) afirma:

a contradição funciona, então, ao longo do discurso, como o princípio de sua historicidade [...] O discurso é o caminho de uma contradição a outra: se dá lugar às que vemos, é que obedece à que oculta. Analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições; é mostrar o jogo que nele elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência.

Assim, para que a escola não seja formadora de sujeitos alienados em relação as contradições que constituem seu próprio modo de existência, não basta colocá-los em contato com uma imensa variedade de textos, nem determinar espaços institucionalizados de leitura, mas levá-los a uma postura que lhes permite encarar o texto como monumento a ser analisado, questionado e desvelado, isto significa, inclusive, permitir-lhes compreender a complexa relação entre saber e poder que perpassa o ambiente escolar.

A esse respeito concordamos com Silva (1993, p.21) “Não se forma um leitor com uma ou duas cirandas e nem com uma ou duas sacolas de livros, se as condições sociais e escolares, subjacentes à leitura, não forem consideradas e transformadas”.

Nessa problemática, a formação do leitor/cidadão crítico é, ao mesmo tempo compromisso e necessidade da escola pública em função de seu papel enquanto instância transformadora das relações sociais e, local de passagem obrigatória para todos aqueles que almejam a superação de sua condição de dominados. Todavia, o desafio que se impõe aos educadores é a construção de práticas pedagógicas que efetivamente contribuam para a efetivação dessa transformação e, conseqüentemente revertam o famigerado quadro de crise da leitura escolar.

A esse respeito, as Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná, insistem:

Durante muito tempo, o ensino de Língua Portuguesa foi ministrado por meio de conteúdos legitimados no âmbito de uma classe social influente e pela tradição acadêmica /escolar. Estas Diretrizes propõem que o Conteúdo Estruturante em Língua Portuguesa esteja sob o pilar dos processos discursivos, numa dimensão histórica e social. [...] Assumindo-se a concepção de língua como prática que se efetiva nas diferentes instâncias sociais, o objeto de estudo da disciplina é a Língua e o Conteúdo Estruturante, portanto, é o discurso como prática social. (PARANÁ, 2006, p.28)

Como possibilidade de efetivação dos necessários e urgentes processos de transformação a que já nos referimos e buscando apontar caminhos que permitam uma relação profícua entre a AD e o ensino de língua materna, propomos como objeto de estudo o gênero discursivo charge jornalística a ser abordado em uma perspectiva discursiva com vistas à formação do leitor crítico. Nesse contexto, concordamos com Romualdo (2000, p. 5):

A Charge é um tipo de texto que atrai o leitor, pois, enquanto imagem, é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada. Além da facilidade de leitura, o texto chágico diferencia-se dos demais gêneros

opinativos por fazer sua crítica usando constantemente o humor.

Entendemos que o texto chárstico traz a possibilidade de se articular o binômio história e memória, que segundo Oliveira (2001, p.266) são “vasto material de memória social, sem a qual não poderia existir a história, que só se constitui pelo discurso”, pois o gênero charge configura-se como textos que retomam os fatos, os acontecimentos em geral políticos e, por meio do humor lançam críticas ou observações que levam o leitor atento a buscar a relação imediata com o seu contexto em que se encontra inserido.

Em consonância a afirmação Romualdo (2000, p. 21) “compreenderemos a charge como o texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político. Por focalizar mais uma realidade específica, ela se prende mais ao momento, tendo, portanto, uma limitação temporal”. Por esse motivo, as charges são suscetíveis a “perda de validade”, dificultando ao leitor a retomada do acontecimento que a originou.

Ao combinar a linguagem verbal e não-verbal, o chargista torna visualmente memorável um dado personagem em um momento específico da história, pois conforme Oliveira (2001, p. 266) “Pelo humor, ele se inscreve como leitor do mundo e convida seus interlocutores a partilhar suas leituras; é, pois um formador de opinião”. Essa possibilidade é enriquecida pela caricatura, meio que se utiliza dos traços carregados em exagero nos desenhos causando efeitos cômicos, grotescos ou irônicos, visando favorecer o reconhecimento imediato do personagem caricaturado.

A esse respeito é pertinente a afirmação de Navarro-Barbosa (2007, p.94):

Os modos de inscrição da memória na materialidade discursiva jornalística podem ser circunscritos nos textos em que o diálogo entre o enunciado verbal e o enunciado imagético funciona como um operador da memória social. É por esse viés que definimos a linguagem jornalística como um meio de acesso essencial à análise da história e dos conjuntos sociais da memória.

Em termos foucaultianos, podemos afirmar ainda que o chargista, por inscrever o fato da política em um objeto cultural de circulação social, o texto chargístico do jornal ou da internet, envolve-se em uma nítida relação de saber e poder. Ao dar publicidade a determinados elementos da vida política e a respeito deles, registrar o seu ponto de vista, produz, assim, não apenas um texto humorístico ou opinativo, mas um efetivo monumento, composto de camadas advindas dos saberes, da história e da memória de um determinado momento da vida social, que deixa o anonimato e ganha registro e visibilidade.

Ao considerarmos esses pressupostos e pensando na mídia como superfície de emergência do texto chargístico, isto é, como esfera social que permite o aparecimento de certos enunciados e não outros e, que procura controlar os sujeitos e os sentidos, somos direcionados ao dizer de Piovezani Filho (2003, p.58):

Assim, a conjunção entre a contemplação dicotomizada do campo político, sob a forma do par “ser/verdade X parecer/mentira-segredo” e a aquisição fiduciária do poder simbólico político, proporciona à esfera midiática aduzir-se como agente (político) deslindador. Visualiza-se, pois, a atuação da mídia, em função de sua suposta “politização”, como “porta-voz” daqueles que já alijados do poder (que, paradoxalmente, eles mesmos concederam), impossibilitados de agir efetivamente no espaço político, devem contentar-se com a mera assistência do desenrolar das ações ali empreendidas.

Ao exercer a função enunciativa, o chargista coloca-se como esse porta-voz, que por meio do humor e da ironia, acaba por espetacularizar os fatos políticos e possibilita um “efeito de verdade”, diferente daquele criado pela notícia, exatamente por lidar com elementos da ordem do inusitado e do exagero.

Entendemos que, por seu caráter crítico opinativo, as charges podem prestar uma enorme contribuição à formação de leitores críticos visto que “o estabelecimento de pontes entre o texto lido e a sua realidade se constituam artifícios da transformação do contexto social, histórico e político em que se encontram inseridos”. Ao mesmo tempo é preciso considerar que é função da escola levar os alunos a realizar o exercício inverso de leitura, de modo que

eles possam reconhecer no gesto do chargista a busca da adesão do interlocutor (leitor) ao ponto de vista por ele construído em relação ao acontecimento retratado em sua charge.

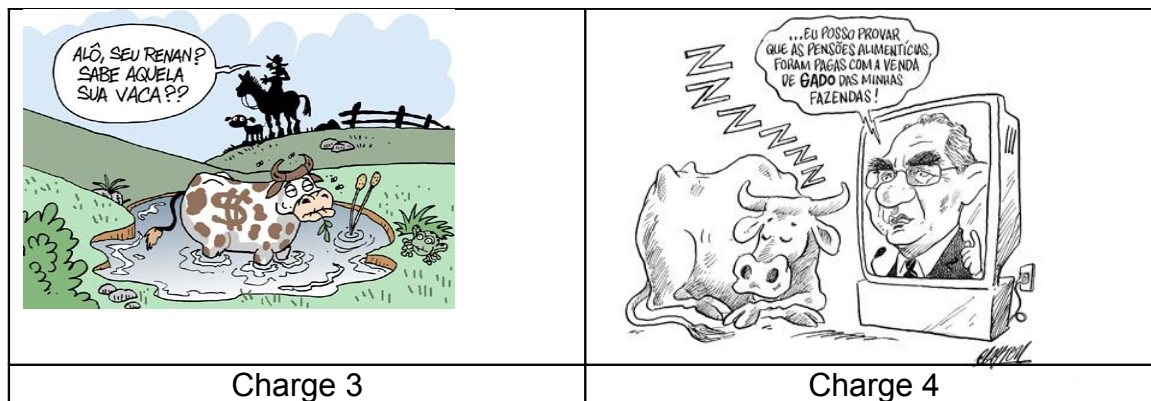
4 ANÁLISE DOS ENUNCIADOS

O nosso esforço por compreender o funcionamento discursivo do texto chárigo, levou-nos a construção de uma séria enunciativa a partir de um fato específico do mundo político, as denúncias de corrupção envolvendo o então presidente do senado, Renan Calheiros no primeiro semestre de 2007, o caso Renan.

Para efetivar esse objetivo, nos dedicamos a observar as charges publicadas no site www.chargeonline.com.br, que se destina a divulgar as charges que circulam cotidianamente em jornais em todo o país. Esse site não faz, em princípio, nenhum tipo de seleção do material que veicula, cabendo ao próprio chargista optar ou não pela divulgação de sua charge.

Em nosso gesto de leitura do material veiculado no site em questão, observamos que o elemento humorístico presente nas chargesⁱⁱ em torno do caso Renan, apresentavam como regularidade a alusão a bovinos, conforme podemos observar pela série a seguir:





Diante da série construída, retomamos a tarefa proposta por Foucault (1972, p.63):

Fazer uma história dos objetos discursivos que não os enterrasse na profundidade comum de um solo imaginário, mas desenvolveria o nexos das regularidades que regem sua dispersão.

Ao retomarmos os enunciados verbais que compõem as charges apresentadas, observamos que elas se referem aos elementos da cultura popular, tais como as cantigas de ninar e os ditos populares. Esses elementos, associados a um discurso fundador da cultura popular, produzem em relação ao leitor o efeito de lembrança em torno do qual se desenvolve os efeitos de sentido do texto que não se dão pela repetição do discurso primeiro, mas por um necessário deslocamento nessa nova enunciação.

No caso do enunciado da charge 1 “Boi, Boi, Boi, a coisa ficou preta já sei que tu é o cúmplice do Renan nessa mutreta”, não se produz uma ameaça para a criança, como originalmente ocorreria na cantiga de ninar, mas ao próprio boi que é acusado de cumplicidade, representado na imagem com gestos trêmulos. Nesse sentido, a ameaça ao boi produz uma crítica velada ao senador Renan Calheiros, pois o boi não pode ser juridicamente indiciado como cúmplice, visto tratar-se de um animal que não pode ser penalizado. Logo, a sátira incide sobre o próprio senador, materializada na imagem pela representação distante do prédio do Congresso Nacional como plano de fundo.

No que se refere ao enunciado da charge 2, “Eu dou um boi para não pagar a pensão e uma boiada para não sair da Presidência do Senado...” , ele é atribuído na charge ao próprio senador caricaturado que retoma o provérbio “Dou um boi pra não entrar na briga e uma boiada pra não sair”. Esse dizer provoca em relação ao leitor um efeito de antecipação em torno dos desdobramentos do fato abordado nesse objeto discursivo, ou seja, apesar das supostas evidências apresentadas contra o senador não será fácil fazer com que ele deixe o cargo de Presidente do senado.

Em relação a charge 3, o enunciado verbal “_Alô, seu Renan? Sabe aquela sua vaca??”, é complementado pela imagem que indica o que aconteceu com a vaca, parafraseando o provérbio “ A vaca foi pro brejo”, insinuando que não há mais solução para os problemas enfrentados pelo senador em função das denúncias que o envolvem. Essa charge se constrói a partir de uma posição contrária àquela apresentada pela charge 2, visto que enquanto o texto anterior trabalha com a hipótese de impunidade, neste há um efeito de que a situação é irreversível, já que “a vaca foi pro brejo”. Devemos destacar ainda que o gesto opinativo do chargista é dissimulado ao atribuir a um suposto empregado da propriedade o recado que ele, em nome de toda nação, gostaria de enviar ao senador.

Por sua vez, o enunciado “[...]Eu posso provar que as pensões alimentícias foram pagas com a venda de **gado** das minhas fazendas!” é completado pela imagem do boi dormindo, presente na charge 4, rememorando o provérbio “Conversa pra boi dormir”, que é empregado no sentido de explicações vagas com o objetivo de ludibriar o interlocutor. Nesse sentido, o boi a que se dirige o personagem caricaturado personifica o cidadão brasileiro, ou em sentido geral a opinião pública, os supostos eleitores, a quem Renan precisa convencer de sua inocência. Isso remete ao fenômeno da mediatização da política e politização da mídia, principalmente em relação àquilo que Courtine chama de dispersão das massas (2003, p.26):

A dissolução das massas é contemporânea das tecnologias de comunicação de massa.[...] Nessas circunstâncias, não se escuta mais o orador político: ele é, sim, visto. O telespectador o observa, o examina, encara-o. Nos mínimos detalhes...

Assim, o chargista compactua com essa ordem do discurso político, indicando ao leitor onde pode buscar a informação sobre os fatos. A esse respeito, cabe reiterar a pertinência desse lugar, a esfera televisiva, em que o senador é apresentado. Em outros tempos, em circunstâncias diversas, em uma outra conjuntura político-social, o político poderia ser representado em cima da carroceria de um caminhão. Na pós-modernidade, é desse lugar da mídia e pela sujeição às coerções que esse espaço impõe que os políticos produzem os seus enunciados.

Contudo, o telespectador (bovino) representado pela charge parece não estar muito interessado no que diz o personagem do vídeo. Isso pode tanto indicar que o referido senador não é realmente digno de crédito ou, ainda, uma crítica materializada em tantos outros dizeres a respeito de uma suposta inércia do brasileiro perante os escândalos que, de longa data, assolam a vida política da nação. Nessa perspectiva, um outro elemento da memória coletiva se faria presente, por meio da expressão “vaca de presépio”, atribuída àquelas pessoas que, passivamente, assistem ao fato.

Ao considerarmos o conjunto da série por nós estabelecida devemos ainda destacar que esses enunciados aparentemente absurdos manifestam um desejo de verdade, isto é, ao chargista, no exercício da função enunciativa, é permitido tratar de forma mais incisiva os fatos inerentes a vida do país, construindo críticas via humor, mostrando o fato e convocando o leitor a uma tomada de posição.

Além disso, verificamos também que em torno dessa série se observa que a memória discursiva vai operar a partir dos pré-construídos “provérbios” e os desloca para inscrevê-los na história, potencializando a capacidade de lembrança do leitor para esse acontecimento político, assinalado na materialidade lingüística pelo sintagma boi, elemento central das charges em questão, seja em sua representação escrita ou iconográfica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos conceitos até aqui apresentados e diante da proposta de uma leitura discursiva a ser realizada nas aulas de língua portuguesa, preconizada pela inserção do sujeito-leitor nas condições de constituição e de circulação do texto selecionado para leitura, entendemos ser de grande valia os estudos da Análise do Discurso, principalmente no que tange às práticas de leitura escolar.

O resgate da materialidade lingüística do texto em relação a sua exterioridade constitutiva propicia ao educador e ao aluno-leitor o desvelamento das relações sociais ali representadas e conseqüentemente o extrapolamento de suas margens, vislumbrando as relações constitutivas de poder, lutas de classes e jogos de interesse ali perpetuados, que descaracterizam a ilusão de neutralidade do texto.

Nessa perspectiva, é preciso ainda levar em conta o compromisso da escola com a formação da cidadania, conforme postulam os teóricos da educação progressista e reafirmam as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica do Estado do Paraná. Desse cidadão espera-se não apenas a adaptação ou acomodação aos padrões ditados pela sociedade capitalista, mas o seu engajamento na construção de um processo de superação das desigualdades e injustiças deste modo de produção.

Assim, ao propor um espaço de estudo e discussão teórica e metodológica a respeito do trabalho com as charges, sob o viés da Análise do Discurso, entendemos tornar possível o desenvolvimento de trabalhos de formação de leitores que estejam atentos aos textos lidos e, principalmente, à realidade que os circunda, materializando, assim, o que propunha Paulo Freire (1983):

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”.

Por tudo isso, não podemos prescindir das contribuições de Michel Foucault. No âmbito da educação e, especificamente, da formação de leitores é

primordial que façamos aquilo que era o próprio desejo desse filósofo, utilizarmos seus conceitos como quem recorre a uma “caixa de ferramentas”, extraindo do escopo de sua teoria os elementos que nos auxiliem a compreender e interferir nos processos de constituição dos saberes e dos micropoderes que permeiam a prática pedagógica escolar cujas contradições se dão a conhecer cotidianamente a todos aqueles que gastam sua existência nesses espaços.

REFERÊNCIAS

CHARGE ON LINE. Disponível em <<http://www.chargeonline.com.br>> Acesso em 19 jun.2007.

COURTINE, J.J. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, M. R. (org). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória. In: ACHARD, P. et al. **Papel da Memória**. (trad. José Horta Nunes). Campinas: Pontes, 1999.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: _____. **A importância do ato de ler: em três textos que se completam**. 3.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1983.

GREGOLIN, M. R. S. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: Diálogos & Duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

_____. Recitações de mitos: a História na lente da mídia. In: _____. (org). **Filigranas do discurso: as vozes da história**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000.

NAVARRO-BARBOSA, P. L. Mídia, memória e identidade. In: FONSECA-SILVA, M. da C.; POSSENTI, S. (org.) **Mídia e rede de memória**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007. p.93-110.

OLIVEIRA, M.L.S. Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo. In: AZEREDO, J. C. **Letras & Comunicação: uma parceria para o ensino de língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2001.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PARANÁ. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná: Língua Portuguesa**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: ACHARD, P et al. **Papel da Memória**. (trad. José Horta Nunes). Campinas: Pontes, 1999.

PIOVEZANI FILHO, C. Política midiaticizada e mídia politizada: Fronteiras mitigadas na Pós-modernidade. In: GREGOLIN, M. R. (org.) **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge Jornalística: polifonia e intertextualidade**. Maringá: Eduem, 2000.

SARGENTINI, V. M. O. A descontinuidade da história: a emergência dos sujeitos no arquivo. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. (org) **M. Foucault e os domínios da linguagem: Discurso, Poder, Subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004.

SILVA, E. T. **Criticidade e Leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
_____. **Elementos de Pedagogia da Leitura**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

· Agradecimento especial ao Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa pela leitura atenta e contribuições relevantes a este trabalho.

ⁱ Extraído do OAC (Objeto de Aprendizagem Colaborativa) n°3338, de autoria de Amarildo Pinheiro Magalhães, Ivanize Ribeiro de Souza e Jane Cristina Beltramini Berto, publicado no APC (Ambiente Pedagógico Colaborativo) do Portal Educacional do Estado do Paraná <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>>.

ⁱⁱ Fonte: site <<http://www.chargeonline.com.br>> Acesso em 19 jun. 2007.